

Maluf critica FHC e retoma discurso de presidenciável

Sandra Nascimento
de São Paulo

O ex-prefeito Paulo Maluf que chega hoje em Brasília não será exatamente o mesmo que deixou o País há dez dias rumo a Nova York. O Maluf pós-crise das bolsas de valores deixou de lado os sinais de apoio que enviava ao presidente Fernando Henrique Cardoso e assumiu o discurso aberto de oposição. A decisão do governo de elevar as taxas de juros para proteger o Real despertou no ex-prefeito de São Paulo o velho sonho de ser presidente da República, quase enterrado para 98. Sequer a ameaça de ser processado pelo Ministério Público por irregularidades na compra de frangos para a prefeitura maculou suas esperanças.

Ontem, horas depois de pisar em solo brasileiro, ele convocou a imprensa para criticar duramente as medidas adotadas pelo Executivo federal, disse o que faria se fosse ele o presidente e esboçou sua plataforma eleitoral. Não anunciou formalmente sua candidatura ao Palácio do Planalto, mas também não negou. "Meu nome estará nas cédulas. Se é para presidente ou governador, isso definiremos nos próximos dias", disse.

Na semana passada – antes da crise – Fernando Henrique recebeu o atual presidente do partido, senador Esperidião Amin (SC), e convidou formalmente o PPB a apoiar sua reeleição. A decisão será tomada pela legenda na próxima terça-feira, quando o partido já estará sob a presidência de Maluf. O ex-prefeito deu um prazo de 90 dias para que Fernando Henrique Cardoso solucione a crise. Não disse, no entanto, se irá dizer isso hoje pessoalmente ao presidente da República.

"Esse é um problema dele (FHC).

para isso ele foi eleito. Esses juros são pornográficos e inaceitáveis. (Ao elevar as taxas de juros), o governo agiu no seu interesse pessoal e particular, às custas do sacrifício do povo brasileiro", disse. "O País vai continuar sendo o paraíso dos especuladores, vão vir a recessão, o desemprego e indústrias brasileiras vão fechar por falta de competitividade no estrangeiro", acrescentou. Segundo ele, se quisesse, o governo poderia, nesses dois anos e dez meses de mandato, ter feito as reformas, equilibrado as contas públicas e impedido a importação de supérfluos.

Maluf abriu seu leque eleitoral o mais que pôde. Depois de tomar as dores do comércio, da indústria, dos endividados e dos desempregados, ele chamou para si os defensores das estatais. "Patrimô-

"Patrimônio público, acumulado em 100 anos, não pode ser vendido no pior momento econômico"

nio público acumulado em cem anos não pode ser vendido da noite para o dia", disse, referindo-se especificamente à Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), que o governo Covas quer levar a leilão no próximo dia 5. Será o primeiro teste de como o Brasil está sendo visto pelo capital estrangeiro não especulativo.

O ex-prefeito critica e diz que a estatal não pode ser vendida "na bacia das lágrimas". Está mais preocupado, no entanto, com os possíveis resultados positivos e os dólares – o menor lance é US\$ 2,09 bilhões, com ágio esperado de no mínimo 30% – que poderão ir para o seu adversário, o atual governador Mário Covas, caso haja uma reversão das expectativas negativas em torno do comportamento do mercado diante das medidas do governo e a disputa presidencial permaneça no futuro do pretérito.